

I N T R O D U Ç Ã O

À

F I L O S O F I A

Dr. Reynaldo Purim, Ph. D.

APRESENTAÇÃO

Você tem em mãos os conteúdos de Introdução à Filosofia, matéria ministrada pelo Dr. Reynaldo Purim no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro.

Como se sabe, o alvo deste curso foram os aspirantes ao ministério da Palavra de Deus.

Como Doutor em Filosofia era matéria que dominava com toda maestria. Conhecia os filósofos, suas correntes e tendências desde os tempos mais remotos da vida humana sobre a terra.

A Bíblia tem restrições com as “vãs filosofias”, que devem ser as que trazem em seu bojo conceitos puramente humanos e terrenos; entretanto, a verdadeira filosofia que é o amor pela sabedoria é destacada em suas páginas. Inclusive estimula a quem “tem falta de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá liberalmente” (Tg 1.5).

Com a publicação desta apostila espera-se que a mesma venha ajudar o colega nos seus conhecimentos que também são necessários para o exercício de um ministério fecundo na Seara do Senhor.

Que Deus o abençoe para que esta leitura seja proveitosa.

Pr. João Reinaldo Purin
Sobrinho do autor

FILOSOFIA - UMA INTRODUÇÃO

Dr. Reynaldo Purim

I - Definição do termo e da matéria

1. Alguns autores dizem que o termo “Filosofia” é criação de Protágoras; outros afirmam que é de Pitágoras e mais outros há que não atribuem a sua origem a nenhum destes. O termo é uma palavra grega composta de filos *fhilos* φιλος = amigo + *sophia* σοφια sofia = sabedoria. Significa, portanto, amizade ou amor à sabedoria.

2. Filosofia representa uma atitude e esforço espontâneo por parte do homem para alcançar um conhecimento coerente de todas as coisas. É uma tentativa para interpretar ou apreciar a experiência humana como uma unidade.

3. Emprega-se também o termo Filosofia quando se procura interpretar um determinado assunto como um todo, ou unidade organizada, em todas as suas relações. Daí, por exemplo, os termos: a filosofia da vida; a filosofia da história, a filosofia da religião, a filosofia das ciências, físicas e matemáticas etc.

4. A filosofia pode ser definida ainda como coordenação das ciências e do seu objetivo final. É o alvo da mente humana que procura alcançar unidade no conhecimento de todas as coisas. O ideal é unidade.

Filosofia é uma atitude para com o que se sabe; atitude espontânea do homem para com o conhecimento.

A sede pelo saber da origem das coisas gerou a filosofia. Filosofia não é somente uma atitude de pensamento; é também a atitude de amor à verdade.

II – Tipos de conhecimento

Há várias espécies de conhecimento como, por exemplo, conhecimento empírico, filosófico, científico e teológico cujas diferenças precisam ser claramente discernidos.

O cientista estuda os fatos com o objetivo de saber ou descobrir a causa imediata; saber as leis que provocaram o fato.

O filósofo se preocupa com as razões primárias das causas, causas mediatas.

Vejamos agora as características de cada um destes tipos de conhecimento.

1 Conhecimento empírico – O termo empírico vem de “*empeiricos*”, experimentado. *En* = em + *peira* = experiência. O conhecimento empírico é o que vem da experiência, da experiência sensível, casual, sem estudos. A sua apropriação é um ato espontâneo do nosso espírito sem que houvesse qualquer preocupação consciente com sua causa e método. O conhecimento empírico é conhecimento sem interpretação. No entanto, são básicos como o primeiro passo ou base para o conhecimento científico e filosófico. A ciência é em parte uma sistematização e aperfeiçoamento das experiências ou de conhecimentos empíricos.

2 Conhecimento científico – Este baseia-se no conhecimento empírico e visa substituí-lo. O conhecimento científico é geral, sistematizado, metódico, válido para a interpretação de experiências particulares em todos os tempos e lugares. Os conhecimentos científicos são baseados ou ligados uns aos outros pelas relações de causas e efeito. A ciência geralmente, só procura explicar as causas imediatas dos fenômenos da natureza ou da

experiência. O conhecimento é científico só quando o seu objeto pode ser interpretado em termos de leis e quando os fenômenos da natureza, de que se trata, podem ser preditos ou repetidos com certeza absoluta na base do determinismo das leis naturais, como se verifica, por exemplo, na física, química, mecânica celeste etc. O cientista interessa-se pela causa imediata, mas não lhe interessa donde veio a lei que rege a causada, donde veio a matéria, o universo. Ele procura alcançar o domínio sobre as coisas: vencer distâncias, as suas limitações físicas, vencer a morte etc.

3 Conhecimento filosófico – Historicamente este surgiu antes do conhecimento científico. Enquanto a ciência trata somente de causas imediatas, o conhecimento filosófico tem como objeto as causas primárias dos fenômenos da natureza, ou das experiências empíricas, particulares e gerais, que tem despertado e influenciado o pensamento humano. O conhecimento filosófico procura transcender as experiências sensíveis, tendo estas apenas como ponto de partida. Procura ir além dos fenômenos e das aparências em busca de realidades metafísicas.

A filosofia procura conhecer a essência das coisas, ou as coisas em si, ou aquilo que não é transitório. Procura saber, por exemplo, o que é a matéria em última análise; procura distinguir entre o que é aparente e o que é real.

Tomando por base fatos empíricos, o conhecimento filosófico tende a ser metódico, sistematizado e científico, dando assim lugar à formação de ciências. A filosofia, portanto, é também uma ciência. Começa com experiências casuais e, pelo poder de imaginação, forma as primeiras interpretações ou hipóteses que, geralmente, se expressam na linguagem simbólica e religiosa.

O conhecimento filosófico procura tornar-se universal; procura pesquisar tudo, enquanto a ciência limita-se ao que é particular. A filosofia procura unificar todos os conhecimentos, ou todas as ciências, em sistemas coerentes estabelecendo entre eles as

relações de causa e feito. As ciências, sem a filosofia, não tem unidade; são como corpo sem alma; a filosofia, sem as ciências, é como alma sem corpo. Os conhecimentos filosóficos e os científicos têm a mesma origem ou ponto de partida – a experiência – a mesma finalidade.

A filosofia é normativa. Além de procurar descobrir as causas, procura mostrar também a finalidade das coisas para a orientação da conduta do homem. Procura explicar o que são as coisas e para que servem. A ciência não trata da conduta nem como as coisas devem ser usadas.

O conhecimento filosófico é o que o próprio homem formula. No conhecimento filosófico procura as origens das coisas ou das leis.

O conhecimento filosófico é o mais antigo e tem como ponto de partida a própria curiosidade do homem; a especulação racional. Da especulação o homem formula uma hipótese – seguindo, procura por esta hipótese a prova, com o objetivo de saber se a mesma é verdadeira. Uma vez conseguindo repetir o fenômeno, a hipótese passa a ser uma lei e passa para o terreno da ciência.

A filosofia procura interpretar a essência das coisas.

A filosofia, portanto:

- 1 – trata das causas primárias das coisas (origens).
- 2 – procura transcender as experiências sensíveis (física).
- 3 – procura conhecer a essência das coisas (coisas em si). Ex. o que é matéria, donde veio?).
- 4 – o conhecimento filosófico é metódico, sistemático, procurando a razão das coisas e seu emprego.
- 5 – procura a universalidade; reduzir todos os conhecimentos a um denominador comum.
- 6 – é normativa. Procura mostrar e estabelecer o caminho para o homem.

A racionalização é uma interpretação provisória.

A hipótese é a verificação sobre a veracidade da mesma e possibilidade da repetição da experiência.

O real é o que tem significado para nós.

A realidade é o que existe independente de nós.

4 Conhecimento teológico – Este baseia-se na revelação, ou na experiência de uma atuação divina. O objeto do conhecimento teológico não é apenas uma conclusão lógica da mente humana. Antes é uma comunicação direta da verdade à mente através de experiências especiais que não podem ser interpretadas em termos de leis naturais. O conhecimento teológico baseia-se na revelação natural e especial. A primeira tem por base a experiência empírica e não depende necessariamente, do raciocínio e da autoridade externa ou sobrenatural; ao passo que a segunda, ou revelação especial, depende dessa autoridade e interpretação.

Conhecimento teológico é o que trata das coisas concernentes a Deus.

A verdade teológica não é um raciocínio e sim uma comunicação de Deus (revelação).

Exercício: Formular uma definição de experiências: religiosa, científica e filosófica.

A Experiência

A – Aspecto Geral

1 – A experiência é o conhecimento das coisas pela prática e pela observação;

2 – É o conhecimento pessoal de alguma coisa ou pessoas pelo uso prático ou trato.

3 – É a soma de conhecimento que faz com que se pense, ajuíze ou proceda melhor, que leva a melhores resultados;

4 – É a verificação do que se deseja saber de pessoa ou coisa submetendo-se à prova.

5 – É a observação, verificação, comprovação, confirmação de um fato;

6 – É a prática por oposição à teoria;

7 – É a tentativa para conseguir algum resultado;

8 – É ensaio prático para demonstrar alguma coisa;

9 – É observação dos fenômenos da natureza para daí formular as leis da ciência;

10 – quando se tem em vistas a teoria do conhecimento, dá-se o nome da experiência ao exercício das faculdades intelectuais, considerando como fornecendo ao espírito conhecimentos válidos que não estão implícitos na própria natureza do intelecto. No sentido geral não se aplica a designação de experiência a todas as modificações produzidas pela vida, mas só as que se julgam vantajosas, com a exclusão das que não o são: esquecimento, indiferença, decadência das faculdades etc.

Já foi dito que a experiência é a base dos conhecimentos: empírico, científico, filosófico e teológico. É também idêntica no próprio conhecimento.

1 – Definição – A experiência é um modo ou estado de nossa consciência, ou todos os modos considerados em conjunto, como eles ocorrem na percepção e como fatos organizados e interpretados. A experiência é o sentir de uma coisa não só como fenômeno externo, mas também como enriquecimento do pensamento pelas modificações nele produzidas.

É a mudança que fatos externos vêm causar em nossa consciência.

É sentir uma coisa não só como fenômeno, mas também como enriquecimento do nosso pensamento.

Experiência é a base de todo conhecimento. É o conhecimento (derivado da observação e prática) das coisas da vida.

Uma experiência como exemplo para ser analisado: “O moço ouviu um som/barulho. Percebendo que era o toque do telefone e

não o da campainha da porta, ele correu logo para atender e assim que começou a conversar, ficou muitíssimo satisfeito.” Vamos analisar esta experiência dos pontos de vista: científico e filosófico.

2 – Aspectos da experiência estudados na ciência

A ciência que estuda a experiência é a psicologia. Toda experiência é psicológica; pertence ao ser pensante. O psicólogo não estuda a pessoa em si, mas as suas ações e reações. No caso acima, o cientista ou psicólogo interessar-se-ia apenas pelas: “sensação, percepção e reação” causadas no agente (o moço), procurando estabelecer generalizações, leis etc., entre elas.

Na experiência o cientista (psicólogo) examina:

Barulho produziu sensação – houve a percepção (ato mental) – reação, mudança de estado (na consciência).

O psicólogo forma abstrações, classifica-se em estabelecer uma ordem. Não cogita quem é o ser, a pessoa.

Sensação – coisas que vêm de fora e desperta a nossa consciência.

Impressão que recebemos dos objetos por meio dos sentidos.

Percepção – Ato mental de descobrir o que houve (subjetivo que se passa exclusivamente no espírito do sujeito; o que é do sujeito).

Reação – Propósito (ação provocada através dos sentidos) resultado.

Estado da consciência: mudança que se efetuou no moço.

São estas as partes que um psicólogo estuda na experiência de um indivíduo e as suas relações que existem entre estes fatos.

A tarefa do cientista dar-se-á por cumprida quando ele conseguir estabelecer uma abstração, generalização ou leis entre as sensações causadas ou produzidas. O cientista está limitado a um campo neutro e impessoal.

O filósofo, ao contrário do cientista, interessar-se-á pela pessoa (agente), pesquisando o significado da experiência e suas causas. Estuda a experiência sob os seus diversos aspectos, tais como: ideia, sentimentos e vontade – do agente como ser pensante.

O cientista estuda as atividades. Ao passo que o filósofo estuda a pessoa em si;

O filósofo estuda a experiência sob o aspecto objetivo (causa externa) e subjetivo (causa interna).

Para o filósofo, não interessa o estudo da experiência, mas a própria experiência em si, ou melhor, a própria pessoa em si. O filósofo estuda a experiência como a soma total dos acontecimentos da vida e da coletividade.

Os aspectos da experiência acima referida que interessam ao psicólogo, são os seguintes:

1 – A sensação que o moço teve através dos sentidos físicos quando ouviu o barulho como fato externo.

2 – A percepção da procedência desse barulho que o moço teve como um ser pensante.

3 – As reações manifestadas pelo moço: a atenção e a mudança no seu estado de consciência.

4 – A distinção e a relação existentes entre os fatores físicos e formação de ideias.

5 – As atividades ou os processos das reações do moço como fatos distintos dele mesmo como ser pensante.

6. Abstração e classificação dessas atividades como sejam: sensações, percepções, formação de ideias etc., na devida ordem.

7. Os estados da consciência produzidos no moço, mas não a sua pessoa em si que sofreu essas mudanças.

8 – A ciência ou a psicologia estuda apenas essas fases da experiência como abstrações e realidades em si, mas sem considerar o seu, propriamente dito, possuidor da experiência.

Um filósofo estuda na experiência:

1 – O significado da sensação para o sujeito.

2 – O motivo da reação.

3 – As atividades do sujeito relativas ao objeto.

4 – A distinção entre o sujeito e o objeto, dando atenção ao sujeito.

Para o filósofo, a experiência é a soma total dos acontecimentos que se verificam na vida do indivíduo ou do grupo.

B. Aspecto Dual da Experiência

A experiência está relacionada com o sujeito e o objeto por ele visto (aspectos, subjetivo e objetivo). Para o sujeito a experiência consiste em sentir, pensar e querer – atividades estas que estão presentes em todas as experiências.

Toda experiência está relacionada com o sujeito e o objeto.

1 - Dualidade no pensar

O sujeito pensa, considera o objeto como uma realidade diferente e separada de si mesmo.

Todo pensamento envolve uma experiência dual, isto é, subjetiva e objetiva – quem pensa, pensa em alguma coisa.

2 – Dualidade no querer

O querer envolve o sujeito e o objeto ou o propósito que este quer alcançar – quem quer, quer alguma coisa. Uma volição completa envolve um propósito e esforço para alcançar alguma coisa

3 – Dualidade no sentir

O sentir envolve o sujeito que sente o objeto de sua sensibilidade ou a capacidade de sentir – quem sente, sente alguma coisa. Por exemplo, quando a pessoa ouve a música, ela tem uma sensação de prazer. O valor da música para ela é o objeto da sua sensibilidade.

O sentir envolve, pois, o ser que sente e o objeto da sua sensibilidade.

A dualidade na experiência, deste modo, consiste no fato de ser ela (a experiência) quem liga o sujeito com o objeto.

C – Características ou diferenças entre a Consciência e da experiência

Que é consciência?

Consciência não se pode propriamente definir, uma vez que é a raiz de todo o conhecimento, o dado fundamental do pensamento,

irredutível em elementos mais simples. Para fins de estudo, define-se consciência:

1 – Consciência psicológica – É o conhecimento que temos da nossa própria existência e também da existência do mundo exterior.

2 – Consciência moral – é quando o indivíduo julga os seus próprios atos, aprovando-os ou não.

Consciência é sempre uma unidade, é sempre a mesma, não sofre interrupção. Os seus objetos podem ser vários, tudo que está fora de nós.

A consciência que é o sujeito da experiência está em constante transformação.

A experiência é o desenvolvimento que se verifica na consciência ou no sujeito.

A experiência consiste em o sujeito realizar ou desenvolver as suas próprias capacidades mediante uma análise crítica das suas atividades.

Não basta ter estímulos, sensação e percepção; é necessário analisar criticamente as nossas experiências.

Exemplo de análise: O que houve? O que fiz? O que senti?

Na planta e no animal o organismo forma espontaneamente os seus próprios aspectos particulares e assim se desenvolve como um todo.

Na experiência da vida humana, porém, cada ser (indivíduo) atua como uma unidade sensitiva, pensante e ativa e assim organiza conscientemente a sua própria realidade e desenvolvimento, estando a origem desse processo nas suas relações orgânicas. Esta unidade atua sentindo, pensando e querendo.

A experiência é um todo contínuo, sendo que as suas experiências particulares visam apenas finalidades momentâneos do sujeito, selecionado da consciência (sensitiva, pensante e volitiva), tendo cada um o aspecto dual (objetivo e subjetivo).

A consciência ou o sujeito da experiência é sempre o mesmo e é uma unidade, ao passo que seus objetos podem ser muitos.

A experiência é o próprio desenvolvimento que se verifica na consciência ou no sujeito. É a realização das finalidades dos objetos do sujeito.

A experiência consiste, por outro lado, no sujeito realizar ou desenvolver as suas próprias potencialidades mediante uma análise crítica de suas atividades. (O mundo objetivo ou exterior atinge sua finalidade em nós, mundo subjetivo ou interior).

A consciência é um todo contínuo, sendo que as suas experiências separadas ou particulares visam atender apenas as finalidades momentâneas do sujeito.

A Experiência Religiosa

Neste estudo de filosofias abordaremos a experiência religiosa como um fato empírico, ou as manifestações espontâneas da consciência religiosa do homem e não a experiência religiosa cristã como um fato especial. Esta será estudada em outras matérias. Com referência à experiência religiosa como fato empírico, notemos o seguinte:

1 – Os aspectos da experiência religiosa transcendem os da experiência natural ou os que, geralmente, interessam ao cientista e ao filósofo, isto é, a existência do sujeito, do objeto, do significado das suas inter-relações. Os aspectos da experiência religiosa são especiais ou particulares, portanto, transcendem à esfera natural que se estuda na ciência e na filosofia. Cada experiência religiosa é pessoal e particular.

2 – A experiência religiosa é aquela em que o homem descobre pelo uso de sua inteligência, as origens ou a causa primária do mundo objetivo e também de si mesmo. Esta descoberta verifica-se pelo contato do homem com o universo físico. E, é neste contato

que ele se manifesta como ser religioso atribuindo uma causa sobrenatural ao fenômeno que observa no universo e que estão além do seu domínio e de sua compreensão.

3 – Na experiência religiosa, o homem descobre, ainda, que essa causa sobrenatural, em sua natureza, é semelhante e superior a ele próprio e no que parece estar dentro do seu domínio. Na experiência religiosa o homem descobre ao sobrenatural.

4 – A experiência religiosa produz no homem um sentimento de inferioridade e de estar dependente de uma realidade sobrenatural, ou superior, à sua própria. Cria também nele um sentimento de temor, de reverência e devoção. É este temor que revela a natureza ou consciência religiosa do homem.

5 – Como toda a experiência do homem, também a religiosa é uma realidade objetiva e subjetiva. O significado que o homem busca e que também encontra no mundo objetivo é de natureza pessoal. O que se manifesta a ele é de natureza pessoal; não pode haver uma experiência religiosa sem que haja um ser pessoal, semelhante ao homem, mas superior a ele. Então, no significado dela, que o homem encontra em si e no mundo objetivo de natureza pessoal.

6 – A experiência religiosa não é apenas um sentimento criado no homem (empírico) por fatores externos; é também uma exigência e criação racional por parte do próprio homem, ou da sua natureza racional. A experiência religiosa, portanto, não é apenas de sentimentos, mas de raciocínio também.

O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e, portanto, pode ter experiência com Deus (experiência religiosa).

Exemplo: A experiência de Moisés com a sarça ardente (Ex 3.2-4).

“... e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça se não queima.”

Análise:

1 – “Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo.”

Experiência comum, empírica – não havia novidade.

2 – “... e a sarça não se consumia...”

Transcende ao natural, transcende à experiência comum. Acontece algo fora do natural nesta experiência.

3 – “E disse Moisés: Agora me virarei para lá e verei esta grande visão, porque a sarça se não queima.”

Experiência analítica; foi examinar o que lhe era sobrenatural, despertou a sua inteligência.

4 – “E Moisés ouviu a voz”

Aparece aqui o elemento religioso da experiência.

Uma parte natural, comum (empírica).

Uma parte sobrenatural, onde o cientista não consegue analisar nada, pois está fora do seu alcance.

Uma parte religiosa – Deus falando.

O homem vem a esta experiência religiosa através da natureza ou quando em contato com a natureza.

O mesmo se vê como no caso de Adão após a queda.

OBJETIVOS GERAIS DA FILOSOFIA

A Filosofia visa:

1 – Interpretar a experiência do homem ou a vida como uma totalidade, estabelecendo nela as relações entre causas e efeitos, em sua escala progressiva ou ordem lógica entre as mesmas com relação ao: 1) tempo e lugar; 2) quantidade (número, forma e grandeza) e 3) qualidade (física, biológica e moral).

2 – Explicar, em termos racionais ou objetivos, as causas, métodos, ou processos e finalidades do universo externo.

- 3 – Avaliar o progresso da vida humana em sua totalidade.
- 4 – Formular perguntas sobre a vida humana e respondê-las visando à solução de seus problemas.
- 5 – Orientar a conduta do homem, individual e coletivo, tendo em vista não só o presente, mas também o futuro. Como o homem deve conduzir-se para ser feliz.

Em resumo, os objetivos da filosofia são:

Experiência;

Universo;

Progresso;

Solução e

Orientação.

Principais Problemas Estudados na Filosofia:

Inicialmente, aqui serão apenas enunciados esses problemas sem qualquer análise dos seus pormenores e tentativas para solucioná-los.

O Problema do conhecimento, ou epistemológico:

A possibilidade do conhecimento.

Dogmatismo – afirma categoricamente que podemos conhecer assuntos metafísicos porque a mente é capaz para isso e, por isso, o dogmatismo lança-se, com otimismo, a pesquisar o campo metafísico. Declara que a mente realmente é capaz de conhecer as coisas em si.

Ceticismo – esta corrente crê que a mente humana não pode conhecer a realidade ou as coisas em si.

Probabilismo – é uma corrente que se interpôs entre o dogmatismo e ceticismo. Não nega, nem defende os princípios das anteriores. É o meio termo – talvez sim, talvez não.

Pragmatismo – é a crença de que a mente humana só pode conhecer aquilo que é útil. O pragmatismo realmente não procura examinar o que existe entre o pensamento e o seu objeto. Para o

pragmatismo o conhecimento tem o valor instrumental e, portanto, não constitui, em si, um objeto de estudo (método de conhecimento). Para o pragmatismo o conhecimento constitui um meio e não um fim em si mesmo. Afirma, então que a nossa mente só conhece o que é prático (útil). O conhecimento é apenas um meio para um fim.

A extensão do conhecimento.

Empirismo ou sensualismo – é a crença de que a mente humana só pode conhecer as coisas sensíveis (Experiência que vem através dos sentidos físicos). Para o empirismo o conhecimento está limitado às percepções dos sentidos físicos.

Idealismo ou racionalismo – é o oposto ao empirismo, é a crença de que nós só podemos conhecer as nossas ideias, como representações do mundo exterior, e não este mundo exterior propriamente dito, objetivo, o que existe por trás dos fenômenos nós não podemos conhecer.

Um outro tipo de idealismo é o chamado espiritualismo; De acordo com o idealismo o sujeito e o objeto são realidades interdependentes e que os objetos externos são apenas representação das ideias. Portanto, para o idealismo, a realidade está nas ideias, sendo os objetos particulares apenas expressão ou criação da realidade subjetiva. Deste modo, o conhecimento é apenas subjetivo no idealismo.

O idealismo e o empirismo são, portanto, teorias completamente opostas.

Realismo – É a crença de que a mente humana de fato conhece o mundo exterior e de as coisas que nós sentimos, apalpamos e vemos são realidades em si independentes da nossa mente ou ideia. Para o realismo a mente é ativa e também concorre para a aquisição do conhecimento. O realismo, assim, opõe-se ao idealismo, afirmando que a mente pode conhecer o mundo objetivo ou exterior.

Mas... que diremos das coisas que não podem ser percebidas através dos sentidos? Que diremos das aparências? Será que nossos sentidos funcionam de modo preciso?

O valor do conhecimento.

1 – O estudo da filosofia (ou do conhecimento filosófico) revela ao homem a natureza do que é o mundo exterior ou de sua experiência objetiva.

2 – O conhecimento da filosofia revela a relação que existe entre o homem e o mundo exterior. É a relação individual, pois cada indivíduo interpreta as coisas do seu próprio ponto de vista.

3 – Revela o que o homem é em si mesmo. O conhecimento do mundo exterior precede ao conhecimento que o homem tem de si mesmo.

O que conhecimento que o homem tem de si, depende do conhecimento do mundo exterior. (Ex. A criança conhece antes os pais; por isso a mãe diz: “mamãe quer”. Isto porque a criança ainda não conhece o seu eu. Conhecemos primeiro o nosso físico e depois vamos conhecer algo do nosso espírito. Conhecer a si mesmo é o alvo de todo o conhecimento humano.

O Problema Cosmológico – é o estudo racional ou filosófico do mundo exterior ou das suas razões supremas (causas, métodos, finalidades).

A cosmologia estuda a essência e as origens do universo.

Os principais problemas estudados na cosmologia:

A - A realidade objetiva do universo exterior - origens.

1 – Tese Idealista – que o universo é criação do espírito ou da mente, do raciocínio humano. (Universo – é a unidade nas coisas que nos cercam).

2 – Tese realista – o universo é uma criação das nossas sensações. (Não há, porém, unidade nas nossas sensações e sim pluralidade).

B - A natureza e o problema da matéria.

Que é matéria? Os cientistas até hoje não sabem definir matéria, mas apenas descrever a matéria.

A matéria tem muitas qualidades primárias, percebidas através dos nossos sentidos:

Extensão

Divisibilidade – antigamente, só até o átomo, hoje até?...

Inércia

Peso

Impenetrabilidade (dois corpos não podem usar o mesmo espaço ao mesmo tempo).

Qualidades secundárias – qualidades atribuídas pelo raciocínio

Elasticidade – só quando o homem trabalha com a massa.

Magnetismo.

Eletricidade – sabe-se que existe, mas o que é?

ORIGEM DA MATÉRIA ou também do universo.

Tese religiosa ou teísta – A matéria é criação divina.

Tese materialista – evolução. (Evolução é método e não causa. Como, pois, pode existir um método sem causa? O evolucionista ateu admite que tudo surgiu pela evolução, mas não apresenta uma causa.

A NATUREZA DA MATÉRIA

Teoria mecanicista – o Universo é formado de átomos imutáveis que teriam formado a matéria. Os átomos teriam se juntado em diversos grupos de onde surgiu a diversidade da matéria.

Teoria do dinamismo – o Universo é uma criação moldada – são as unidades mínimas da energia. Estas atuam umas sobre as outras segundo uma ordem pré-estabelecida e segundo as suas tendências particulares.

Leibnitz é o autor dessa teoria. Foram poucos os que aceitaram e seguiram esta teoria.

Hilemorfismo – no universo nada se cria e nada se perde, apenas se transforma. O universo segundo essa teoria é eterno. Dois princípios regem essa teoria:

A matéria prima,

A forma com que se apresenta (forma substancial).

A natureza e o problema da vida.

Quais as ciências que estudam a vida?

1 – Biologia – ciência que estuda os seres vivos e suas relações.

2 – Cosmologia – que estuda a própria vida, ou seja, a vida em si.

Na filosofia precisamos pensar em vida separada das formas em que se apresenta. Na ciência estudamos os corpos vivos, criados pelo princípio da vida; na filosofia nos preocupamos com a vida em si, independente das formas concretas.

A vida é um fato em si.

Teorias sobre as origens da vida:

1 – Teoria da geração espontânea ou a teoria de que a matéria inorgânica produziu a vida. É uma teoria materialista ou mecanicista.

2 – Teoria que afirma existirem dois princípios – a alma e a vida. É o que se chama de princípio vitalismo – o indivíduo foi produzido por uma alma. Antes que existisse vida, existiu a alma.

O Problema psicológico ou da alma.

É o problema relacionado com a alma. Qual a distinção entre alma, espírito e pessoa?

Espírito = pessoa, personalidade.

Alma = ser pessoal que sente, pensa, quer.

Qual é a natureza da alma? É imaterial (independente da matéria apesar de se manifestar através da matéria)

Para o teólogo – é imortal.

Para o filósofo – é a imortalidade.

A - A existência da alma.

Pessoa é um termo que pode substituir o termo alma, que é o ser que sente, pensa e quer. São poderes pessoais.

Alma é o ser que se manifesta através da matéria e que atua sobre a matéria. A alma se manifesta através do corpo. Este é apenas um meio para a manifestação da alma. (Assim como a alma se manifesta através do corpo, assim também o pecado).

B - A natureza da alma.

O mais que os filósofos podem dizer sobre a natureza da alma é que é uma substância imaterial (Mas o que é matéria? Não há resposta.)

A nossa alma pode existir sem a matéria, ou seja, sem o corpo.

C - A imortalidade da alma

Temos quatro argumentos a favor da imortalidade da alma:

1 – Argumento metafísico – a alma é simples, indivisível e não pode ser dissolvida, não pode se desintegrar. Assim sendo, é imortal.

2 – Argumento psicológico – A imortalidade é necessária para satisfazer as nossas aspirações que não são alcançadas nesta vida.

Todo ser humano tem aspirações que não alcança, que não pode satisfazer. Se, pois, o homem busca algo que não alcança nesta vida, e se com a morte tudo estaria terminado, o homem então estaria agindo como ser irracional; logo deve haver continuidade da existência da alma.

O Argumento moral – o homem traz em si uma noção inata de justiça. Nesta vida o ideal de justiça não se completa e há a necessidade da imortalidade para a satisfação de nossa ânsia da justiça.

O argumento religioso – se o homem crer na existência de um Deus eterno, se ele tem a eternidade de Deus, e se ele mesmo tem o desejo de viver eternamente, logo a alma é imortal, senão seria uma incoerência. (Salmo 90).

O PROBLEMA MORAL

A liberdade do homem – é o poder de determinar-se, sem motivo externo, a agir ou não agir, por todos os meios para a ação.

Qualquer que seja o tipo de liberdade que o homem tenha, esta será sempre relativa. Em nenhum tipo ou aspecto, o homem tem liberdade absoluta.

A liberdade é moral. O homem é livre para querer, mas nem sempre, o objetivo do seu querer é alcançado. As limitações referem-se às manifestações ou ações externas da liberdade e não a esta em si.

A liberdade tem as suas qualidades morais, portanto, o objeto do seu querer não pode ser contrário à moral.

1 – O problema da Liberdade – todo o homem busca a liberdade e há vários conceitos de liberdade:

Liberdade física – fisicamente o homem é limitado. Não consegue fazer o que deseja; é limitado pela matéria.

Liberdade psicológica – cada homem tem o seu gênio, tem os seus traços hereditários, e não pode escolher seus hábitos e costumes; quando chega ao conhecimento de si, já é feito, já o que é. Conclui-se que não é livre.

Metafisicamente – a mente pode ir e vai até a Lua e mesmo além do que se pode imaginar, mas o sujeito está limitado pela matéria e não pode acompanhar a sua vontade.

Liberdade ética – eticamente estamos igualmente presos e limitados. Somo limitados pela liberdade do próximo. Nem tudo o que eu quero posso fazer.

2 – O Problema do Determinismo – é a crença de que os nossos atos são determinados por circunstâncias físicas e psíquicas. É a crença de que o homem só faz aquilo que já está predeterminado.

Indeterminismo – é a crença de que os nossos atos são completamente independentes de influência interna e externa. (sabemos, porém, que o ambiente influi no indivíduo).

Auto determinismo – é a crença de que os nossos atos ou ações são determinadas por nós mesmos na base do seu valor que nós damos às coisas quanto a conveniência ou não, ou ainda, das suas finalidades.

5) O Problema teológico.

a) A existência de Deus

b) A natureza de Deus.

c) A relação de Deus com o universo.

Estes problemas têm sido estudados e pesquisados desde os mais antigos filósofos até os nossos dias sem se ter alcançado uma solução final. Pelo que tem demonstrado a experiência secular, estes problemas, constituem o escopo perene da filosofia.

Este assunto pertence tanto à filosofia como à teologia. Daí a distinção entre a teologia natural ou racional e a teologia propriamente dita, ou baseada na revelação de Deus.

Teodicéia – É outro nome da teologia racional ou filosófica é teodicéia, ou a justificação da providência de Deus em face do problema do mal. Teodicéia é uma ciência puramente racional.

O método de estudo é dedutivo e indutivo, partindo, na teologia propriamente dita, da revelação e na teologia racional, da consciência e experiência religiosa do homem. Como se sabe, o método indutivo estuda os efeitos com o objetivo para encontrar a causa. Da experiência para a causa. Por outro lado, o método dedutivo parte da causa para o efeito; uma vez encontrada a causa, pode-se saber os efeitos.

A existência de Deus

Argumento metafísico. A existência da ordem no universo e nos movimentos perenes e da vida leva a pressupor a existência de Deus, porque, um efeito racional dever ter uma causa racional. É a mente racional do homem que exige a apresentação de uma causa

para poder interpretar o universo. E para uma interpretação racional precisamos ter: 1) causa ou origem; 2) Método; 3) Finalidade. No caso do universo, qual seria a causa? Se nós temos neste universo seres pessoais, temos que então admitir que a causa não pode ser inferior ao homem – um ser pessoal. A filosofia pressupõe esta causa, mas não a define, com precisão. As perguntas, por exemplo: Qual a causa da existência da matéria, do movimento, da vida, da ordem, da alma que se encontram no universo? A natureza racional do homem exige a apresentação de uma causa para ele poder interpretar esse universo. São argumentos metafísicos da existência de Deus.

Argumento moral. O ser humano tem a consciência da existência de “mais alguém”; o homem não pode explicar a si mesmo sem chegar à conclusão da existência de Deus, da ideia inata de Deus no homem. Há este sentimento inato no homem, que se manifesta como força religiosa. De onde vem este sentimento? O filósofo não tem uma resposta segura, mas pressupõe, admite a existência de uma causa. O homem possui a consciência da lei moral, ou a noção do dever – o homem julga os seus atos, aprovando-os ou não. Consciência é o homem saber que mais alguém sabe o que ele sabe. Esta consciência age, mesmo quando o homem está só. Quem é este alguém? No mérito e no demérito, pergunta: qual será a origem ou a causa disto? O ser humano olha para si mesmo e vê que ele tem uma natureza semelhante à divina. São provas ou argumentos da existência de Deus.

Argumento das aspirações humanas. Se julgamos que não somos perfeitos, mas aspiramos a perfeição, por que esta aspiração se não há quem é perfeito? Se no homem há a ideia de perfeição, esta deve existir. O homem aspira alcançar a perfeição, na bondade, na beleza, na santidade, na felicidade e suas experiências místicas evidenciam que não lhe é possível alcançar nas limitações desta vida. Será que não existe um ser em que exista esta perfeição?

Então deve concluir que existe um Deus para preencher a alma humana.

A natureza de Deus (atributos).

Na filosofia estuda-se a natureza de Deus através dos seus atributos, ou através dos efeitos de sua atuação, usando-se o método indutivo e dedutivo.

Atributos metafísicos:

Unidade – não há dualidade no universo; se o universo é uma unidade, então a causa deve ser uma só também.

Infinidade – Não há limites; o homem tem consciência da sua limitação e olhando para o universo, conclui que o criador deste deve ser infinito.

Eternidade – Não há tempo; o homem, porém, está preso ao tempo e vive poucos anos, entretanto o universo apresenta algo de eternidade; sua causa deve, pois, ser eterna.

Atributos operativos – são aqueles que podem ser conhecidos através da atuação de Deus: onisciência, onipotência, ou o grau máximo do conhecimento e poder, a onipresença. Como a filosofia chega a atribuir estes atributos a Deus? – Olhando para o Universo, o homem encontra sabedoria (onisciência); também gostaria de estar em todos os lugares ao mesmo o tempo (onipresença). Vendo o universo e quanto mais o estuda chega à conclusão de uma poderosa Causa (onipotência).

Atributos morais: bondade, santidade, justiça. Como pode o homem dizer que o Criador é perfeito em seu amor, santidade e justiça? A bondade que o homem vê em si e sente não lhe satisfaz, daí atribui a Deus a perfeição. Quanto à santidade, perfeição e pureza, o homem vem atribuir a Deus o que encontra fraco em si. Justiça – o homem espera que o bem que pratica seja lhe recompensado ao mesmo tempo esperas que o faltoso receba o seu castigo. Se o criador implantou este sentimento no homem dever

ser justo e perfeito. Sabemos que Deus ama as coisas segundo seu valor e recompensa a cada um segundo as suas obras.

Em suma pode-se concluir que os atributos de Deus podem ser constatados em ser ele, entre outros: (a) Racional; (2) onipotente (movimento); (3) Unidade; (4) Iluminado; (5) eterno; (6) onisciente.

A relação de Deus com o universo.

Dualismo - Na interpretação desta relação surge o problema do dualismo e do panteísmo, de um lado e antropomorfismo, do outro. Admite, então, a existência de dois princípios, um de perfeição e outro de imperfeição, ambos eternos e necessários para formação do mundo. Com isso há duas teorias:

Panteísmo – Tudo é Deus e Deus é tudo; segundo esta ideia não haveria separação entre Deus e o Universo. Esta corrente afirma a identidade substancial de Deus e do mundo. Sabemos, entretanto, pela revelação a existência do criador e sustentador. Deus iniciou e governa o mundo.

Antropomorfismo – É a explicação de que o homem criou Deus na sua forma humana. Deus seria uma criação imaginária do homem, identificando-o com o próprio homem. Imanência e transcendência, significando que Deus está relacionado e operando no universo e, ao mesmo tempo, é independente dele. É um ser pessoal, autônomo da sua obra. Esta corrente humaniza Deus e diviniza o homem.

Notas –

O dualismo é a negação da natureza divina; o panteísmo é contrário a experiência e a realidade moral; o antropomorfismo é incongruência, dada a contingência e imperfeição do homem.

As relações entre Deus e o mundo são explicadas de maneira racional pela doutrina da criação e da providência.

Deus é imanente e transcendente ao mundo – Isto é, Deus presente e operando no mundo. Está unido ao universo que criou. Mas dele

se distingue como realidade independente. Deus possui uma personalidade autônoma, distinto de sua obra. É inteligente e livre.

CAMPOS DE PESQUISAS FILOSÓFICAS

São aqueles onde encontramos os grandes problemas que são estudados na filosofia. São as seguintes matérias ou ciências onde encontramos os pontos de partida e os problemas que as ciências não podem solucionar e que, portanto, constituem o campo de pesquisa filosófica. São os seguintes: Metafísica, Universo, Homem (Psicologia), Lógica, Ética, Política, Estética e Religião.

Metafísica – quer dizer, além da física. É o campo onde procuramos ir além das nossas experiências físicas ou conhecimentos científicos. É o terreno onde, pelo nosso raciocínio, procuramos descobrir os princípios básicos das coisas. A metafísica é o primeiro campo de cogitações filosóficas.

Psicologia – aqui o assunto de estudo filosófico é o próprio homem como sujeito de suas próprias experiências. Atualmente a psicologia é uma ciência autônoma. Antigamente, fazia parte da filosofia e ainda continua a ser nas coisas que escapam o escopo de experimentação. Hoje o homem ainda é um dos assuntos perenes da filosofia, especialmente naquilo que ela, como ciência, não pode experimentar ou explicar. É na psicologia que está o problema da alma humana.

Lógica – é o estudo do pensamento como atividade da inteligência ou do raciocínio do homem. É a ciência da arte de pensar. A finalidade da lógica é aplicar corretamente as operações do pensamento à pesquisa e à demonstração da verdade. Estuda o método pelo qual o homem adquire conhecimentos. Também a Lógica é uma ciência autônoma, mas nem por isso deixa de ser um campo de pesquisas filosóficas, principalmente quando se trata da possibilidade e finalidade do conhecimento.

Ética – é a ciência da moral (consciência do dever e da responsabilidade). Estuda a conduta ideal do homem, ou do que esta conduta deve ser à luz da razão. A moral já é parte inata do homem. Ética é a interpretação. Na ética o homem procura ir além da sua experiência e estabelece um padrão de conduta modelo, isto na base do raciocínio. Por exemplo: Paulo perseguia os cristãos e o fazia como um dever da sua consciência; mas quando se encontrou com Cristo, o que nele mudou foi a compreensão. Ele percebeu o erro em que militava e mudou. A consciência não esclarece a inteligência, apenas manda fazer o que lhe parece bem, o que é preciso. É necessário o que o homem busque esclarecimentos na base da Escritura para que seja capacitado em distinguir o bem do mal. Portanto, a Ética estuda o problema da liberdade humana.

Política – também esta estuda o homem, mas como um ser social; estuda a organização da vida social. A Política torna-se um estudo filosófico quando procura interpretar todas as coisas do ponto de vista da vida coletiva do homem. Aí está o problema da justiça.

Estética – É a ciência da sistematização dos princípios do que é belo; do que resiste a prova do tempo e é universalmente é aceito e apreciado como belo. É o estudo da conduta e da obra humana do ponto de vista da beleza ideal em termos de verdade e da bondade. No estudo da estética estudam-se as manifestações do homem como um todo incluindo o sentimento, raciocínio e vontade nos seus aspectos ideais e espontâneos e ideais. (Fora do que é bom e verdadeiro não há beleza ideal). O estudo da arte é filosófico quando procura relacioná-la com todas as fases da vida humana. (Assim uma obra de arte representa uma imaginação do homem.) A Estética, então, estuda a natureza do belo.

Religião – também a religião é um campo de estudo filosófico quando ela é relacionada com todas as fases da vida humana, ou quando o seu significado é interpretado como fator básico da experiência toda. (Religião é o sentimento inato que leva o homem a buscar a Deus como supremo Ser de quem se sente dependente).

Temos, neste caso, a filosofia da religião, da religião cristã etc. Estuda o Ser sobrenatural.

Ramos ou tipos de filosofia

Temos aqui uma classificação diferente do conhecimento, da pesquisa, ou dos problemas filosóficos. São outros nomes para as coisas já temos estudado, cuja definição, no entanto, é necessária e mesmo indispensável no estudo da história da filosofia.

Podemos classificar as pesquisas filosóficas em três grupos gerais ou principais. Quanto aos objetos de seu estudo, a filosofia divide-se em três ramos ou tipos: Especulativa, prática ou axiológica e crítica, não contando os outros tipos especializados que vamos estudar depois.

I – Filosofia especulativa

É o estudo do mundo exterior. O que procura descobrir e interpretar as origens ou causas do universo, as leis que determinam seus fenômenos e a essência das coisas. Como se vê, a filosofia especulativa é a que estuda o mundo objetivo.

A filosofia especulativa surge do desejo inato que o homem tem de conhecer as coisas ou os porquês das coisas. Este desejo é estimulado pelas experiências ou pelos seus conhecimentos empíricos. Usando seu raciocínio, o homem quer ir além dos conhecimentos empíricos; formula hipóteses, procura verificá-las pela experimentação, visando o estabelecimento de leis. Neste esforço o homem encontra problemas, como por exemplo: Que é a matéria, a vida, o movimento, a força, o tempo, o espaço, a essência das coisas, inclusive o próprio homem, a alma etc.?

Os campos de pesquisas da filosofia especulativa são:

Cosmologia – o estudo do universo.

Psicologia – o estudo da alma.

Ontologia – estudo do ser. (estudo do próprio ser - estudo das coisas em si).

Teodicéia – o estudo de Deus. (estudo das relações de Deus com o Universo).

II – Filosofia prática ou axiológica

Designa-se com este nome o ramo da filosofia que estuda o valor que tem para o homem o conhecimento do mundo exterior ou objetivo para ele. Divide-se em:

Ética – é a ciência do dever, da moral – é o estudo da conduta ideal do homem, visando a felicidade, e a solução do problema moral.

Estética – é a ciência do belo. É o estudo do belo na natureza e como obra humana, no seu significado para o próprio homem. Por exemplo: Num quadro entra o fator artístico do homem. A estética abrange mais: música, arquitetura, pintura etc.

Religião – estudo das relações do homem com Deus, visando finalidades práticas. Assim quando estudamos a religião só em si, temos a Teodicéia – quando, porém, estudamos a religião como vida prática, modos, costumes que ela influi no povo, temos, então, um estudo filosófico da religião – e, se estudarmos só os costumes, conduta, temos então um estudo ético.

III – Filosofia crítica

Designa-se com este nome o ramo da filosofia que estuda o próprio homem, ou a sua mente, ou o método pelo qual pode conhecer alguma coisa. Trata da relação existente entre o sujeito e o seu objeto.

A filosofia crítica não estuda o objeto do conhecimento, mas o método do próprio ato de conhecer. Examina ou critica ou julga a validade deste mesmo conhecimento. A filosofia crítica é subjetiva.

CAMPOS DE PESQUISAS QUE PERTENCEM À FILOSOFIA CRÍTICA

Divide-se em:

Lógica – que é um estudo normativo do pensamento. Procura estabelecer as leis do raciocínio pelo qual procura atingir a certeza da verdade. Divide-se em:

Lógica aristotélica, ou forma, dedutiva.

Lógica crítica, ou indutiva, ou aplicada, ou metodologia.

Lógica simbólica ou matemática.

Epistemologia, ou a ciência do conhecimento propriamente dita e do seu valor. Divide-se em:

Epistemologia psicológica, ou estudo do processo do conhecimento como fato da experiência.

Epistemologia metafísica, ou estudo dos efeitos do significado do conhecimento para o homem.

IV – Tipos especiais de Filosofia

São estudos de determinados assuntos ou matérias relacionando-os com a vida humana como um todo ou com todos os campos de experiência ou conhecimento.

Vamos mencionar aqui apenas alguns estudos filosóficos deste tipo:

A Filosofia da Ciência - é o esforço para relacionar e reunir todos os conhecimentos científicos em um sistema coerente e com todas as fases da vida humana.

A Filosofia da História, é o estudo das causas e efeitos dos fatos históricos ou dos princípios que determinam o curso da história (baseado na causa e efeito).

A Filosofia do Direito, é a interpretação da vida humana toda do ponto de vista ou em termos do direito do homem (que inclui educação, comércio, política etc.).

A Filosofia da Educação, é o estudo das finalidades e métodos da educação, visando todas as fases da vida humana, seu progresso material e imaterial.

A Filosofia da Vida, é a atitude e interpretação da vida humana como um todo, dos seus objetivos e métodos.

A Filosofia da Religião, é o estudo da vida humana toda do ponto de vista da religião como fato e fator universal no desenvolvimento da vida humana como um todo.

Principais sistemas filosóficos atuais:

Diferenças entre ideia e sistema filosófico.

Uma ideia filosófica é aquela que representa fatos universais, verificado em qualquer tempo e lugar, embora não tenham sido coordenados entre si. São generalizações baseadas em experiências particulares ou sensíveis torna-se, portanto, metafísicas ou filosóficas. Ex.: Todos os homens são mortais. A virtude é louvável etc.

Escolas filosóficas são grupos de filósofos que defendem as mesmas ideias básicas e que seguem o mesmo mestre.

Um sistema filosófico é aquele em que todos os conhecimentos ou experiência estão relacionados entre si e coerentes interpretados nos termos de uma só causa, método e finalidade, ou denominador comum, formando conjuntos orgânicos. Um sistema filosófico é aquele que o denominador é um só. Sem esta unidade não há sistema filosófico.

Em outras palavras é aquele em que todos os conhecimentos e experiências estão relacionados entre si e coerentemente interpretados nos termos de uma só causa, de um só método e uma só finalidade.

É o conjunto de todas as experiências coerentemente relacionadas e interpretadas em termos de uma só causa, de um só método, de um denominador comum.

Num sistema filosófico não pode haver contradições.

Ex.: no materialismo o denominador comum é a matéria. Assim, o homem é matéria; o pensamento é manifestação da matéria; a arte é resultado da matéria etc.

Teorias são hipóteses ou interpretações provisórias tendo por finalidade unificar diversas leis ou princípios.

Alguns dos sistemas filosóficos atuais são:

Naturalismo – é o sistema filosófico que procura interpretar a realidade como sendo uma soma total das coisas existentes no tempo e espaço e subordinadas às leis ou causas naturais. De acordo com este sistema, tudo o que existe, inclusive a própria mente, é manifestação da natureza. O naturalismo subdivide-se em três tipos:

Materialismo – ou a crença de que a realidade, em última análise, é matéria e de que as leis físicas constituem a única base para interpretação da experiência. Explica todas as coisas em termos de matéria. Desse modo, no materialismo, não há lugar para um ser pensante e para espírito. E mais ainda, depois da desintegração do átomo, os cientistas já não sabem mais o que é matéria. Sendo assim, os próprios materialistas não apreciam mais este termo.

Dinamismo – é a crença de que o conceito básico da realidade não é a matéria, mas a energia. Tudo é energia. Dinamismo opõe-se, portanto ao mecanismo. O principal representante do dinamismo como uma filosofia é Leibnitz, com sua teoria de “mônadas”. De acordo com sua teoria as partículas mínimas da matéria (as mônadas que são partículas mínimas de energia) atuam sobre si mesmas e umas sobre as outras, de acordo com suas predisposições

Positivismo – ou a crença de que todo o conhecimento humano está limitado ou dependente dos sentidos físicos. De acordo com este sistema, a metafísica é impossível. O fundador e principal representante deste sistema é Augusto Comte. Para ele religião é sinal de ignorância. Entretanto, hoje o próprio Positivismo toma uma forma religiosa. O Positivismo procura explicar todas as coisas pelas ciências matemáticas. Aquilo que não pode ser demonstrado matematicamente no laboratório, não é aceito. Daí o nome “Positivismo”, isto é, aquilo que pode ser explicado por experiência ou linguagem científica. No positivismo não há lugar para a metafísica. Reduz-se ao materialismo e no relativismo ou idealismo modificado.

Panteísmo – é a crença de que Deus é a realidade toda. Como sistema filosófico, panteísmo identifica o universo com Deus e considera a Deus como causa direta e única da experiência. Para o panteísta, Deus é tudo e tudo Deus. O universo não é uma criação de Deus, mas uma parte de Deus. O homem é apenas um fragmento ou emanção de Deus. O principal representante deste sistema é Spinoza.

Espiritualismo – ou crença de que a realidade é essencialmente mental ou espiritual e não apenas sensitiva. Como sistema, espiritualismo procura interpretar todas as coisas em termos da mente ou de espírito. Admite a existência de Deus e da alma humana como distintos do universo. O denominador comum de tudo, para este sistema é o espírito.

Pragmatismo – ou a crença e método que só estuda coisas sensíveis ou práticas. Opõe-se ao intelectualismo e racionalismo ou especulação. De acordo com o pragmatismo todas as atividades do pensamento visam a alguma finalidade prática; a verdade é que só aquilo que tem alguma aplicação prática tem valor. Resume-se nisto: o pensamento tem finalidade prática; a verdade é aquilo que é prático; estuda só as coisas sensíveis ou práticas. O principal representante deste sistema é William James.

Dualismo – o termo é usado na filosofia, na moral e na teologia. a) Na filosofia ou na metafísica, dualismo é a crença da coexistência eterna da mente e matéria, completamente distintos, não havendo possibilidade de a mente transpor esta separação. Este é o dualismo metafísico. b) Na moral, dualismo é a crença na existência do bem e do mal como realidades separadas e opostas. c) Na teologia, dualismo refere-se às duas naturezas de Cristo, do Logos divino e a do homem. d) Na epistemologia, dualismo refere-se ao conhecedor e a coisas conhecida como realidades distintas e separadas.

Monismo – é o oposto do dualismo. Monismo é a crença de que a realidade é uma só, ou de que todas as coisas na natureza constituem uma unidade e que nega, portanto, a diferença entre o espírito e a matéria.

Na metafísica – monismo apresenta-se em duas formas: 1) qualitativo, ou a crença de que a realidade é de uma só espécie ou qualidade; 2) quantitativo, ou a crença de que todas as coisas que existem fazem parte de um todo ou de um só ser em que todas as coisas se acham incluídas.

Na epistemologia – o monismo é a crença de que o sujeito ou o conhecedor e o objeto conhecido constituem uma só existência ou se identificam. Não há lugar para separação entre o sujeito e o objeto.

Intuicionismo – (intuir = olhar face a face) é a crença de que os nossos conhecimentos são de apreensão imediata, em conhecimento prévio, através da percepção, imaginação e sentimento. A mente ou a consciência é uma força criadora, ou ação que se transforma. Para o intuicionismo a realidade é vital e está em constante fluxo; para conhecê-la é preciso apreendê-la como um processo, acompanhando-a e contemplando-a. O método para conhecê-la é o de poeta ou artista, no qual a intuição atua mais do que o intelecto. Como se vê, intuicionismo é uma filosofia de caráter especulativa e crítica, ao mesmo tempo. O novo conhecimento vem através da intuição. Para o intuicionismo a

realidade é vital e está em constante fluxo. Para conhecê-la é preciso apreendê-la como um processo e para tal é necessário acompanhá-la. Bergson é o filósofo mais conhecido desta escola.

Misticismo – é a experiência imediata da realidade, recebido por um método de conhecimento independente da percepção. É um estágio do intuicionismo. No misticismo o conhecedor, ou o sujeito, realizam-se identificando-se com a essência do objeto do seu conhecimento. Misticismo enfatiza a união com a realidade; tem um conhecimento direto da realidade. Misticismo é apenas um método especial do conhecimento. No misticismo o conhecedor identifica-se com a essência do objeto do seu conhecimento. O misticismo enfatiza a união do conhecedor com o objeto como uma realidade. No misticismo o conhecimento é independente da percepção.

Idealismo – o idealismo interpreta a realidade toda em termos de ideias. É uma interpretação espiritual do mundo e do homem; é essencialmente uma metafísica. No idealismo, a interpretação é mental, em termos do pensador e do pensamento. O significado das coisas não está nos fenômenos, mas nas finalidades que não se acham na superfície. A fonte do idealismo está na intuição. Há dois tipos de idealismo: o subjetivo, segundo o qual nada existe na natureza que não seja mental; a experiência é mental ou subjetiva; e o objetivo, segundo o qual os objetos da experiência pertencem à mente de um conhecedor objetivo que para nós é Deus. Nega a existência do mundo objetivo. (Platão). O idealismo aplicado a sistemas filosóficos afirma que a objetividade das coisas do conhecimento se identifica com o próprio pensamento. O Idealismo é, pois, a crença de que a realidade é mental e que nossa experiência é criação de nossa mente. Todas as coisas físicas e valores são fatos mentais.

Realismo – o realismo reconhece a existência independente do mundo objetivo ou da experiência. É a crença de que a realidade é independente de nossa mente. O mundo exterior existe haja mente

ou não. Procura interpretar as coisas e fatos objetiva ou independentemente do seu observador. Realismo é um método de conhecimento baseado na lógica e análise. Analisa fatos, mas não soluciona problemas, necessariamente. Mantém separado o mundo objetivo e o subjetivo, ou o observador. O realismo como sistema filosófico é a crença de que a realidade é independente de nossa mente. O realismo metafísico é a crença de que os seres que percebemos através dos sentidos e que as ideias universais têm uma existência real. O realismo epistemológico é a crença de que a existência dos objetos do nosso conhecimento não depende do ato de serem conhecidos.

Existencialismo –

Definição: Existencialismo representa uma tentativa para se formar uma filosofia da existência, do ser. É um movimento recente e ainda pouco definido. Daí os diferentes nomes com que tem sido designado Psicologia da Fé; Antropologia Cristã; Esforço e filosofia da salvação do mundo etc.

Origens históricas: O existencialismo começou com Kierkegaard, holandês, no século passado, cujas ideias só em décadas recentes começaram a ser estudadas e divulgadas. O existencialismo de hoje não coincide em tudo com as ideias de Kierkegaard. Em alguns pontos divergem por completo. Kierkegaard é o pai do Existencialismo Teológico.

Divisão – O existencialismo começou com um movimento religioso. Hoje divide-se em dois ramos distintos: Existencialismo teológico, representado pelos teólogos da nova ortodoxia, da teologia dialética ou da crise de Karl Barth, não falando de muitos outros; e o existencialismo ateu, representado, na Alemanha, por Heidegger e por Jean Paul Sartre, na França, não falando dos outros.

Ideias principais - Kierkegaard desenvolveu a ideia de que o homem deve entregar-se completamente às exigências do Absoluto do espectador no campo da ciência da filosofia especulativa. Para

Kierkegaard essa ideia era aceitável na base da certeza da graça divina e do perdão dos pecados. Essas ideias de Kierkegaard tiveram uma influência construtiva sobre a teologia, tanto, protestante e católica. Para o existencialista, o homem deve crer em vez de tentar ou procurar compreender a Deus. Este movimento é uma reação ao racionalismo cristão.

A teologia existencialista afirma que Deus se revela como um Deus transcendente e que o homem não pode conhecer a mente divina. O que ele pode fazer para sua salvação é apenas confiar em Deus e receber a verdade da revelação cristã. O existencialismo teológico representa, pois, um triunfo da fé sobre a razão.

O existencialismo ateísta afirma que o homem está sem Deus, abandonado, e não tem padrão da verdade ou do valor além da sua própria subjetividade. Sendo livre, o homem precisa entregar-se a valores que ele mesmo precisa escolher estando nessas condições. Não tendo um padrão ontológico, o homem está condenado a ser livre. Precisa desenvolver-se por si, entregando-se a valores por ele escolhidos e que não são valores absolutos. De acordo com Sartre, o homem não pode escapar desse seu isolacionismo. A existência de outros homens apresenta-se a ele como a consciência de alguém que está olhando por ele. Embora o homem possa cooperar com outros, nenhuma comunicação existe entre a sua subjetividade e a dos outros. No entanto, o homem precisa dos outros para compreender a si mesmo e para servir de objeto para os outros. Para Sartre, a sociedade precisa transcender a si mesma para buscar uma liberdade maior. Politicamente, Sartre assemelha-se a Marx, embora rejeite o determinismo materialista.

Significado – O Existencialismo representa uma reação contra o pensamento abstrato não só na lógica como também com referência ao próprio ser, ou o homem. É uma censura à tendência

de raciocinar sobre o ser. O ser precisa ser experimentado num encontro pessoal. O Existencialismo é a filosofia da essência à qual atribui prioridades sobre a existência, da síntese da existência pessoal da tolerância e da salvação pela compreensão do mundo e do ser que nele existe. Na teologia, o existencialismo representa o triunfo da fé sobre a razão.

